

## Rap em mirandês

### Métodos excepcionais no ensino duma língua minoritária

O título exige explicação por vários motivos. Talvez o subtítulo também não ajude os leitores húngaros<sup>1</sup> a imaginar a que se refere a palavra *mirandês* e o que tem a ver com este género. O presente artigo revela quem “rapa” em mirandês (dado que se trata duma língua, falada em Miranda) e sobretudo: porque é que essa pessoa faz isso numa aula.

É propositado que as palavras introdutórias sejam enigmáticas. A observar uma aula de Língua Mirandesa em Maio de 2009, na Escola Básica “EB2” de Miranda do Douro, estive perante um verdadeiro milagre mas, ao mesmo tempo, perante um êxito escolar explicável.

Talvez estas palavras sejam excessivas mas é certo que a aula, a que assisti, me incentivou muito.

Miranda do Douro é um município bastante desconhecido pelos húngaros. Por esse motivo, antes de entrar no âmago do tema (isto é, abordar o ensino do mirandês como língua minoritária com base em experiências pessoais), é necessário dar algumas informações básicas.

O município estende-se na região de Trás-os-Montes, no Nordeste de Portugal, ao longo da fronteira com a Espanha. É muito rico em recursos naturais, dado que se encontra no Parque Natural do Douro Internacional. Na zona, o mirandês é falado por 6-10 mil pessoas (cf. Euromosaic, Martins 1997: 8).

A língua mirandesa é de origem asturiano-leonesa. Provavelmente foi no século XIII que se instalaram leoneses no território. Viveram separadamente das outras partes de Portugal durante muito séculos. Por conseguinte, a sua língua dissimilou-se do leonês e, ao mesmo tempo, manteve-se isolada do português, por isso eles ainda não começaram a usar o idioma maioritário do estado.

A área geográfica de uso da língua começou a reduzir-se nos anos 60, e conseqüentemente, o número de falantes. Isso deve-se à modernização e à urbanização, mas a causa directa da substituição linguística foi a construção das barragens hidroeléctricas no rio Douro e o aparecimento da televisão (Euromosaic). Esses factores levaram à diminuição do prestígio do mirandês. Cada vez mais pessoas se tornaram bilingues (Euromosaic). Hoje, já é o português que predomina. Segundo as minhas experiências, o idioma minoritário usa-se em situações informais: entre parentes e amigos.

---

<sup>1</sup> A versão original (em húngaro) do artigo foi publicada na revista *Szakoktatás*, no nr. 1/2010. O título original é *Mirandai rap*. <http://site.nive.hu/folyoiratok/images/stories/Szakoktatás/2010/.../31001bor.pdf>

O facto de haver poucos postos de emprego na região, dificulta a manutenção linguística. A maioria dos intelectuais abandonou Miranda, apesar disso são eles que fazem muito em favor da revitalização da língua. A sua actividade pode ser um bom modelo para outras minorias linguísticas. (Refiro-me ao trabalho literário e científico de Amadeu Ferreira, às investigações dos „mirandólogos” ou aos inúmeros *sites* culturais-turísticos. Por ex.: [www.mirandadodouro.com.pt](http://www.mirandadodouro.com.pt)) O seu empenhamento fomenta muito os falantes a manterem o idioma. O município emitiu já inúmeras publicações de boa qualidade e apoia também eventos culturais.

Miranda do Douro, apesar de ter só dois mil habitantes, é uma cidade relativamente desenvolvida. (Refiro-me só a dois factos: wi-fi gratuito é disponível na cidade e hotéis modernos esperam a visita de turistas maioritariamente espanhóis e franceses.)



Os esforços da inteligência manifestam-se de três formas diferentes. Primeiro, na planificação de corpus (isto é, na publicação duma convenção ortográfica e na redacção dum dicionário, na elaboração dum tradutor electrónico, etc.). Segundo, na planificação do prestígio da língua e da comunidade (por ex. na organização de eventos culturais). Por último, na planificação de estatuto. Em 1999, o mirandês foi reconhecido legalmente como língua oficial da Terra de Miranda. A lei 7/99 e o despacho normativo 35/99 autorizam o ensino do idioma, embora

possam ser criticados. O maior problema é que consideram o mirandês só um elemento adicional do currículo, ainda que seja um recurso comunicativo natural de muitos alunos.

O ensino do mirandês, na verdade, já começou no ano lectivo 1986/87 (Ferreira, 5.). Hoje lecciona-se em duas escolas (em Miranda e em Sendim). Ainda não existe manual da língua e há apenas três professores que ensinam o idioma. Eles não receberam formação específica, porque ainda não existe um método adaptado ao ensino do mirandês (cf. Mendes).

Tendo em conta todas as condições e circunstâncias, são sobretudo produtivos as iniciativas pessoais de Duarte Martins.



O professor fez a licenciatura na Universidade de Lisboa mas regressou à sua cidade natal. Hoje ensina mirandês (que é uma das suas línguas „maternas”) a alunos desde os 3-4 anos, até aos 18. É um professor enérgico cujos métodos são muito eficazes. Faz muito, fora das aulas também, em favor da revitalização da língua. Por exemplo, compõe todos os anos uma antologia intitulada *La Gameta* a partir dos poemas, contos, desenhos, das reportagens dos seus alunos. (Já saiu o tomo VII.)



O Professor Martins fundou também um grupo de teatro que, naturalmente, representa peças em mirandês<sup>2</sup>. Mas seria impossível enumerar todas as iniciativas do professor. O presente

---

<sup>2</sup> ”Não é bem um grupo de "teatro formalizado". Aquilo que eu faço todos os anos lectivos com os alunos (que assim o entenderem), é representar uma peça teatral em língua mirandesa.” (Duarte Martins)

artigo tenciona antes apresentar a sua actividade educativa e sobretudo analisar a aula observada em 2009.

A maioria dos alunos que estuda o idioma é descendente de falantes mirandeses. Mas as crianças já usam a língua em poucos domínios, sobretudo com parentes com mais de 50 anos. Segundo as investigações de Cristina Martins, linguista coimbrã, 46 % dos alunos inquiridos nunca usa o mirandês, em nenhuma situação (Martins 1997: 9). Os alunos, segundo o inquérito realizado em 1997, se falam em mirandês, praticam-no com os avós e vizinhos (Martins 1997: 25).

O facto de a ortografia do mirandês ter só 10 anos, também dificulta o ensino. A tradição escrita também não é tão vasta como a duma língua oficial estandardizada.

A aprendizagem da língua realiza-se só numa aula por semana. Por isso é ainda mais importante que o professor utilize métodos eficazes e desenvolva as capacidades e competências dos alunos. 15-20 % dos alunos do professor não tem parentes que falem mirandês. Esse facto também prova o interesse e o entusiasmo tanto por parte das crianças como por parte do professor.

A aula do 4º ano, observada por mim, foi muito variada, os alunos prestaram atenção e estiveram muito activos. Não consegui observar nenhum sinal de tédio ou de indisciplina. (É digno de mencionar que cada aluno tem uma mesa própria na sala espaçosa. Pode ser surpreendente para uma pessoa húngara que os alunos possam levantar-se e andar durante a aula. Mas isto resolve muitos problemas e não dificulta o trabalho profundo. Pelo contrário. A autoridade do professor provém dos seus métodos e da motivação intrínseca. A avaliação não se referiu à personalidade do aluno mas à produção actual.

Primeiro, Duarte Martins leu um conto aos alunos e repartiu a versão escrita. Depois da interpretação comum, os alunos tiveram de completar a história em quadradinhos, inserindo as falas dos personagens nos “balões” convenientes. (Isso é uma tarefa eficaz e complexa, porque exercita a compreensão escrita, aumenta o vocabulário e faz praticar a ortografia ao mesmo tempo.) Durante o trabalho individual, o professor observou e ajudou os alunos andando na sala. A sua auto-confiança, os seus conhecimentos, a riqueza metodológica são dignos de tomar-se como modelo. Ele mesmo elabora os materiais e planifica as formas sociais de trabalho usadas nas aulas.

Até ao 35. minuto vi uma aula muito boa, variada, equilibrada. Mas ainda não estava completamente convencida, tinha dúvidas relativamente à eficácia do programa. Acho que a razão desta dúvida provinha do facto de eu não considerar suficientemente útil o vocabulário do conto. Observando a aula com crítica e, concentrando-me na mais-valia económica do

programa, não sabia em que áreas é que os alunos conseguiriam aproveitar os conhecimentos adquiridos na aula. Achava que só qualquer proveito poderia contribuir para a manutenção da língua a longo prazo.

Mas passados 10 ou 5 minutos, tinha mudado de opinião. Os acontecimentos deste tempo influenciaram muito as minhas directivas educativas e metodológicas e as minhas atitudes. Compreendi que as experiências determinantes, pessoais, podiam formar muito o uso da língua pelos alunos.

A razão da mudança na minha opinião foi o rap. Um género que (sobretudo na Europa) entra poucas vezes nas aulas. Se porém é utilizado, existe o perigo de o professor ser “moderno” e “popular” só para chamar a atenção dos alunos. Mas na aula de Duarte Martins, não foi só uma manobra de diversão para motivar os alunos. Integrou os valores do passado na cultura moderna, no ambiente natural dos alunos através duma metodologia fundamentada.

Primeiro cantou uma canção tradicional. Depois ensinou-a aos alunos. A canção tem só 14 versos e todos aprenderam (entre eles eu, que falo muito pouco em mirandês).

#### **Coquelhada marralheira**

Coquelhada marralheira  
nun t'amarres ne ls adiles  
porque bénen ls pastores  
i te scóchan ls quadriles.

Las chocalhas rújan, rújan,  
Ls carneiros alhá ban,  
An chegando a Ourrieta Cuba  
Anda qu'eilhes bolberan.

You perrin pimporra!  
amprenhei ua pastora  
al toro dua trobisqueira  
i al cerron de cabeceira

i ls perros hau! hau!  
i l lhobo ne l ganao. (bis)

Finalmente (porque o ritmo quase propôs isso) representou-a em estilo rap e os alunos também se juntaram a ele. Assim, a aula tornou-se inesquecível, os alunos aprenderam uma canção popular mas não como obrigação moral mas com uma motivação forte.

A personalidade do Professor Martins tem grande importância na popularidade e no êxito (relativo à situação do mirandês) do seu programa. Os seus métodos cativam as crianças para a língua e cultura mirandesas que, fora das aulas, teriam poucas ocasiões de falar o idioma.

Esta forma eficaz e indirecta de revitalização seria passível de adaptar ao ensino da Língua e Literatura Húngaras. A aula de Duarte Martins ensinou-me que o cultivo duma língua podia realizar-se com motivação profunda, intrínseca. Mesmo no caso de não dar proveito financeiro ou concreto a curto prazo.

### **Bibliografia citada**

#### **Euromosaic**

[www.uoc.es/euromosaic/web/document/mirandes/an/i1/i1.html](http://www.uoc.es/euromosaic/web/document/mirandes/an/i1/i1.html)

**Ferreira**, Carlos sem ano. *Stado actual, necesidades i perspetibas ne l ansino de l mirandês*. manuscrito.

**Martins**, Cristina 1997. *A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês*. In: *Lletres Asturianas. Boletín Oficial de l' Academia de la Llingua Asturiana*. nr. 62., 6-42.

**Mendes**, Ana Isabel C. *O ensino da língua mirandesa em portugal: recolha de elementos*. manuscrito.

Evelin Gabriella HARGITAI

doutoranda em Linguística Românica

ELTE BTK, Budapeste